

GEORGE HUEBNER e THEODOR KOCH-GRÜNBERG: DIÁLOGOS NA AMAZÔNIA, 1905-1924¹

Andreas Valentin²

Resumo

George Huebner (Dresden, 1862 - Manaus, 1935), fotógrafo alemão que se estabeleceu em Manaus no final do século XIX, produziu em seu estúdio Photographia Allemã, ao longo de mais de quarenta anos, imagens que justapuseram técnica apurada a valores estéticos. Suas fotografias desvelaram a implantação da modernidade nas cidades de Manaus e Belém, a sociedade da economia da borracha e a floresta amazônica, em contraponto à urbanidade. Sua produção lançou, ainda, um olhar antropológico sobre o “outro”. Ao longo de vinte anos, Huebner manteve um relacionamento profissional e de amizade com o etnólogo Theodor Koch-Grünberg (Grünberg, 1872 - Vista Alegre, 1924). Através principalmente da troca de cartas, eles estabeleceram uma parceria que refletiu na sua produção etnográfica e fotográfica. Examinaremos aqui alguns dos aspectos dessa troca e seus resultados, em especial aqueles que apontaram caminhos para a utilização da fotografia como instrumento para o conhecimento etnográfico.

Palavras-chave: George Huebner, Theodor Koch-Grünberg, etnografia e fotografia amazônica

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 1 e 4 de junho de 2008, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

Agradeço aos Profs. Drs. Mark Münzel e Michael Kraus pelo apoio para realização de parte dessa pesquisa em janeiro de 2008 no Arquivo Theodor Koch-Grünberg, abrigado no Departamento de Etnologia da Universidade Philipps – Marburg, Alemanha. Igualmente, a Daniel Schoepf, Genebra; Karin Bautz, do Museu da Cidade de Grünberg e Dorothee Ninck que disponibilizou a transcrição das cartas de George Huebner.

² Mestre em Ciência da Arte (UFF), doutorando em História Social (UFRJ). Professor-assistente de Fotografia (CAp-UERJ), coordenador e professor de cursos de pós-graduação em Fotografia e Artes do Instituto de Humanidades da Universidade Candido Mendes.

“Envio aqui para o Sr. algumas fotografias de ótimos tipos de Macuchis e Uapichanas. Essas pessoas me chegaram há pouco através de um amigo, vindas do rio Branco. Eu aproveitei a oportunidade e os fotografei especialmente para o Sr.”

(George Huebner em carta de 12/4/1907 enviada de Manaus para Theodor Koch-Grünberg)³

“Demonstrei-lhes até a câmera fotográfica e estranhei como eles rapidamente mostraram sua compreensão. Logo eles reconheciam a imagem invertida no vidro fosco. Quem não podia mais ser afastado de por debaixo do pano preto era o Mandu. Ele mostrava uma alegria infantil, quando via no vidro fosco passar um menino ou um cachorro correndo.”
(Theodor Koch-Grünberg, *Dois anos entre os indígenas do noroeste do Brasil*)

Fotografia e etnografia

Desde os seus primórdios, a fotografia e a etnografia foram aliadas: elas se desenvolveram na segunda metade do século XIX, quando também houve a expansão e consolidação do poder colonial europeu em diversas regiões do mundo, principalmente através dos ingleses, dos franceses e, num segundo momento, dos alemães. Ocupar significava, também, conhecer e perceber o “outro” e o “alhores”. A fotografia foi um instrumento fundamental nesse processo, uma vez que estreitava o contato com as diferenças culturais, ao mesmo tempo em que simbolizava a superioridade tecnológica do homem branco.

No final do século XIX, quando avanços tecnológicos possibilitaram a captação de fotografias de maneira mais econômica, mais rápida e com melhores resultados, houve um incremento significativo na produção e circulação de imagens. Nesse amplo repertório, as fotografias “antropológicas” tiveram papel importante. Já na primeira década do século XX, estabeleceu-se a prática do trabalho de campo individual e a fotografia se somou ao lápis e ao caderno como mais uma ferramenta do pesquisador (EDWARDS, 1992). Acrescenta-se, também, naquele momento, a consolidação da percepção da imagem fotográfica como testemunho incontestável do real e do verdadeiro, associando o fotógrafo não apenas ao ver, mas ao “estar lá”. (BARTHES, 1984). Ao proporcionar informações visuais significativas, fotografias tornaram-se evidências: “a essência definidora de uma fotografia antropológica

³ A documentação de Theodor Koch-Grünberg arquivada no Departamento de Etnologia da Universidade Philipps-Marburg é identificada como “VK Mr”, seguida de “B.I.2 ou B.I.3” (respectivamente, os diários 1903-1905, 1911-1913) ou “pasta correspondência Huebner/Koch-Grünberg”.

não é o seu assunto, mas a classificação do conhecimento ou ‘realidade’, feita pelo usuário, que a fotografia parece transmitir” (EDWARDS, 1992).

Deve-se considerar, ainda, a utilização da fotografia como um paralelo visual para as idéias antropológicas sobre a cultura (MYDIN, 1992), entendida aqui na definição de Tylor como um “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (*apud* LARAIA, 1999:25). Etnógrafos e fotógrafos - lembrando que, muitas vezes, essas atividades se confundiam, se complementavam e se contrapunham - buscaram acompanhar as transformações das sociedades não-ocidentais à medida em que eram incorporadas à “civilização” européia. Seus olhares evolucionistas se dirigiam às representações de pessoas e culturas “exóticas”, às diferenças culturais que fascinavam o mundo científico ao mesmo tempo em que atendiam ao gosto popular (MYDIN, 1992). Fotografias de lugares e povos distantes foram produzidas, reproduzidas e passaram a circular sob as mais diversas formas: na troca de informações entre membros das comunidades científicas, artigos, livros, cartões postais, álbuns, atlas tipológicos, entre outros⁴.

Em sua quase que totalidade, o que se evidencia nesse largo processo de captura visual do “outro” é, primeiro, a tentativa de resgate e preservação de povos considerados ainda “primitivos” e em estado de “pureza racial” - estado esse que as fotografias buscavam retratar, seja no campo ou no estúdio. Ressalta-se, no entanto, que esse olhar sobre o “outro” acaba sendo, na verdade, uma autodescrição, um auto-retrato do próprio branco e ocidental⁵. Numa segunda instância, podemos identificar, também, outras formas de relacionamento do etnógrafo-fotógrafo. Trata-se aqui da ciência, essencialmente, como busca do conhecimento e implicando no envolvimento denso e abrangente do pesquisador com seus objetos e sujeitos de estudo. Theodor Koch-Grünberg e George Huebner praticaram essa etnografia.

⁴ Como exemplo, algumas representações oriundas da América do Sul: artigos, séries de cartões postais de Huebner retratando índios, seringueiros e processos de extração da borracha (1895-1908); artigos, livros e atlas tipológicos publicados por Koch-Grünberg (1899-1923); postais e álbuns de Boggiani, editados em Buenos Aires (1904) com fotografias e estudos de etnias das regiões centrais do continente; as fotografias de Gustavo Milet Ramirez, no formato “Cabinet”, realizadas em estúdio que detalham as etnias mapuche no sul do Chile (c. 1890).

⁵ Há que se considerar, sempre, a subjetividade do fotógrafo que se contrapõe à objetividade técnica e mecânica do aparelho fotográfico. A verdade inscrita na fotografia irá, invariavelmente, conter e refletir, também, a marca não só daquele que a produziu como também, daqueles para quem foi produzida. A autenticidade do registro fotográfico, portanto, não se valida apenas pelo veículo, pela objetividade do meio em si, mas, principalmente através das qualidades e experiências do fotógrafo.

George Huebner: o fotógrafo-cientista

Em 1895, George Huebner se estabeleceu em Manaus onde montou seu estúdio Photographia Allemã. São de sua autoria inúmeras fotografias e séries que documentam a transformação da cidade e sua inserção na modernidade. Reproduzidas em álbuns, cartões postais e revistas, estas fotografias circularam pelo mundo e ajudaram a formar uma imagem de Manaus e do Amazonas como a civilização em meio ao selvagem. Huebner foi, também, responsável por muitas fotografias de etnias indígenas, paisagens amazônicas e retratos de personalidades importantes de sua época.

Antes de se fixar definitivamente em Manaus, Huebner já havia passado pela cidade duas vezes: em 1885 a caminho do Peru e, em 1894, antes de suas expedições para o alto rio Orinoco e para o rio Branco. Na primeira viagem à América do Sul, percorreu todo o rio Amazonas e permaneceu na região de Iquitos e do rio Ucayali, na Amazônia peruana, quando a extração e o comércio da borracha já estavam em plena pujança. Em 1888, ele conheceu o fotógrafo alemão Charles Kroehle e, durante três anos, os dois percorreram o território peruano, desde os altiplanos andinos, à costa do pacífico até a região amazônica. O resultado dessa expedição foram centenas de fotografias, assinadas pelos dois, além de um profundo conhecimento da geografia e dos habitantes nativos. Essas primeiras imagens de Huebner são, também, as primeiras das quais se tem notícia de etnias peruanas, como os *campa*, *mayonisha*, *caxibo*, *cunivo*, *pito*, *xipibo*, muitas já extintas. São retratos dirigidos e produzidos, geralmente à frente de um fundo de lona, onde o sujeito precisava permanecer imóvel por um longo tempo. Foi no Peru que Huebner desenvolveu o ofício da fotografia, treinou seu olhar e assimilou as qualidades que caracterizariam seu trabalho mais maduro e duradouro: as de exímio retratista e documentarista da Amazônia.

Em 1892, retornou para Dresden e publicou textos ilustrados em revistas de ciência popular e viagens, como *Globus* e *Deutsche Rundschau für Geographie und Statistik*. Foi sua primeira entrada no meio científico. Em 1894, voltava à Amazônia onde, a partir de Manaus, empreendeu duas grandes expedições: a primeira, à nascente do Orinoco, na Venezuela; a outra, por um longo trecho do rio Branco, afluente do rio Negro, no atual estado de Roraima. Nos oito meses em que permaneceu na região amazônica, além de fotografar, Huebner se aperfeiçoou na observação, documentação e coleta científica de espécies da flora amazônica, especialmente de orquídeas. Esse aprendizado lhe garantiu importantes contatos no meio científico europeu e sua sobrevivência em Manaus após o declínio da borracha. Em 1896, de volta a Dresden, foi admitido como “naturalista, sócio-correspondente” do *Verein für Erdkunde* (Sociedade de Geografia) de Dresden.

Em 1898, George voltou ao Brasil. Ficou alguns meses em Belém e seguiu viagem até Manaus. Um ano depois, inaugurava seu estúdio no centro da cidade, em frente ao Palácio do Governo. É importante registrar que Huebner chegou a Manaus no apogeu da era da borracha. A cidade se modernizava, com obras públicas por toda a parte. Abriam-se ruas, aterravam-se igarapés, construíam-se imponentes prédios. Instalava-se a primeira linha de bondes elétricos do País. Surgiam empreendimentos comerciais de toda espécie, sempre direta ou indiretamente ligados ao lucrativo comércio da borracha. Havia, ainda, um intenso vai-e-vem de estrangeiros: portugueses, ingleses, franceses, libaneses e, claro, alemães - os principais negociantes da borracha.

Logo, a “Photographia Allemã” se firmava como o maior e melhor estúdio fotográfico da cidade. Os equipamentos utilizados eram de ponta, trazidos da Alemanha, especificamente de Dresden⁶. Huebner tornou-se um profissional competente, teceu uma ampla rede de relacionamentos e foi conquistando a confiança da sociedade amazonense. Em 1901, o professor de Belas Artes Libânio do Amaral associou-se ao negócio. Em 1906, eles adquiriram, em Belém, o tradicional ateliê fotográfico Fidanza, ampliando ainda mais a abrangência de sua produção. Quatro anos mais tarde, abriram uma filial no Rio de Janeiro, na Avenida Central.

Enquanto o estúdio se mantinha com encomendas oficiais e particulares, Huebner continuou buscando o conhecimento científico. Por conta própria ou a serviço do governo estadual, empreendeu inúmeras expedições ao interior amazônico, subindo a calha do rio Negro, novamente a do rio Branco e penetrando na selva em regiões mais próximas a Manaus. Seu olhar e suas ações se dirigiam para a flora⁷, para a etnografia dos índios e ribeirinhos. Huebner expressava uma grande preocupação com as etnias nativas que sucumbiam com o avanço do homem branco pelo interior. Na impossibilidade de impedir esse processo, ele buscava, ao menos, através das imagens e de seus contatos com a ciência européia, preservar os primeiros brasileiros: “Muitas etnias diferentes existem lá no alto (do rio Japeri); acredita-se que vivam mais de 6.000 índios. Por enquanto, eles ainda são os senhores desses rios,

⁶ Huebner nasceu e cresceu numa cidade tradicionalmente ligada não apenas às práticas artísticas, como também às técnicas e às indústrias. A partir da segunda metade do século XIX e início do seguinte, Dresden se tornou um pólo fabricante de materiais fotográficos. Já em 1839, apenas dois meses após a divulgação do processo fotográfico de Daguerre, F. W. Enzmann anunciava equipamentos de fabricação própria. Pouco depois, surgiam diversas fábricas de produtos químicos, insumos e equipamentos para a indústria fotográfica, incluindo algumas marcas importantes como Zeiss, Pentacon e Exakta (BLUMTRITT, 2000).

⁷ Huebner localizou algumas espécies de orquídeas desconhecidas, entre as quais uma cujo nome, *Huebneria yauperiensis*, lhe presta homenagem.

porém por quanto tempo ainda... eles estão sendo eliminados pelos Seringueiros” (VK Mr, pasta correspondência Huebner/Koch-Grünberg, 16/10/1905).

Huebner fotografou indígenas no campo e no estúdio. Às vezes, quando recebia notícia da chegada de grupos na cidade, levava-os para a floresta nos arredores para produzir fotografias em locais que se aproximassem de seu habitat “natural” (*fig. 1*):

“Imediatamente após a chegada dessa gente – todos vestidos em uniformes de soldados – fui com eles até o Igarapé da Cachoeira grande e os fotografei. Precisei ir duas vezes, porque não havia ninguém que pudesse se entender com eles [...] Consegui, então, algumas boas fotografias, mesmo que com grande dificuldade. Como eles se jogaram n’água e não havia jeito de tirá-los de lá, fotografei-os ali mesmo no Igarapé. [...] Alguns dias depois, trouxe-os todos para o meu ateliê para produzir as fotografias antropológicas, todas bem sucedidas. Infelizmente, logo depois de nosso encontro na Cachoeira Grande, cortaram seus cabelos, apesar de meus veementes protestos. Por isso, só pude realizar os retratos dessa forma alterada” (VK Mr, pasta correspondência Huebner/Koch-Grünberg, 2/2/1906).

As fotografias “antropológicas” produzidas no estúdio mostram casais ou pequenos grupos de índios, posando para a câmera com adornos, objetos e utensílios. Vêem-se nitidamente os fundos pintados com cenas idílicas⁸. Os objetos de cena - arcos, flechas, remos, galhos, folhas, palha, cestos, panos - são cuidadosamente arrumados. Em algumas fotos, aparece, inclusive, o piso de madeira do estúdio. (*fig. 2*)

Em 1912, soavam os primeiros sinais de alerta: era o começo do fim da era da borracha. Com o advento da primeira guerra mundial e produção das seringueiras plantadas pelos ingleses no sudeste asiático, o preço da borracha despencou no mercado internacional. Muitos empreendimentos faliram, provocando o êxodo da maioria dos comerciantes e empreendedores manauaras. Huebner, no entanto, optou em permanecer no Amazonas. Já havia alguns anos, ele vinha montando um sítio em Cacau Pirera, na outra margem do rio Negro, defronte a Manaus. Nas várias viagens que fez ao interior, sempre coletava orquídeas e palmeiras que plantava no seu horto particular. Durante todos os anos em que morou em Manaus, manteve e frutificou seus contatos internacionais com renomadas instituições botânicas e pesquisadores independentes. Após passar adiante a “Photographia Allemã” em 1920 e até a sua morte, em 1935, George Huebner se dedicou exclusivamente ao manejo, e à

⁸ O pano de fundo do estúdio era uma extensão ilusionista do espaço cênico, seguindo a tradição renascentista e barroca do *trompe l’oeil*. Cenários evocavam paisagens, como parques, montanhas, cascatas, jardins, romantizadas. Em fotografias realizadas na Europa viam-se jardins tropicais que em nada emulavam o perfil do retratado; por outro lado, muitas das fotografias realizadas nas Américas, inclusive algumas do próprio Huebner e de fotógrafos que documentaram os Mapuche no sul do Chile, mostravam indígenas defronte à névoa de uma varanda em estilo rococó.

coleta de espécies da flora amazônica, com o mesmo esmero científico com que registrou imagens da cidade, dos índios e das paisagens amazônicas.

Em sua pesquisa sobre o fotógrafo, Daniel Schoepf sustenta que, apesar de Huebner ter sido influenciado no início pela emergente antropologia que privilegiava os tipos físicos, seus trabalhos mais maduros carregam uma “tipologia de relacionamento”, que vai muito além do propósito antropológico. Seus retratos, estudados e precisos, revelam uma profunda consciência de relação com o outro, qualidade esta que, certamente, chamou a atenção do etnólogo Koch-Grünberg(SCHOEPP, 2005:30). (*fig. 3*)

Theodor Koch-Grünberg: o cientista fotógrafo.

Em 1903, o jovem etnólogo alemão Theodor Koch-Grünberg chegava a Manaus para iniciar sua expedição ao alto Rio Negro. No dia 2 de junho, ele anotou no seu diário: “conheci hoje o Sr. Hübner que realizou grandes viagens aos rios Negro e Orinoco; antes colecionador de orquídeas, agora fotógrafo” (VK Mr, B.I.2). A partir daí, eles estabeleceram laços de amizade e colaboraram profissionalmente durante quase 22 anos, até sua morte prematura por malária, em 1924, em Vista Alegre, no atual estado de Roraima. (*fig. 4*)

Theodor Koch nasceu no dia 9 de abril de 1872 em berço protestante na pequena cidade de Grünberg, região de Hesse, onde seu pai era pastor. Sua formação inicial foi como filólogo, historiador e geógrafo, o que lhe permitiu prestar exames para o magistério. Ele sempre gostou de índios e brincava com os amigos nos campos e florestas em volta de sua cidade natal. Seu sonho de conhecer índios de verdade se concretizou quando, em 1898, ele participou como fotógrafo e pesquisador da segunda expedição de Hermann Meyer⁹ ao Xingu. Em 1901, de volta à Alemanha, ele abandonou o trabalho como professor e se apresentou como voluntário no Museu Etnográfico de Berlim. Em 1902, foi contratado como pesquisador assistente trabalhando sob a tutela do pesquisador Karl von den Steinen¹⁰. Nesse mesmo ano, ele obteve seu doutoramento na Universidade de Würzburg e, no ano seguinte, foi patrocinado pelo Museu de Berlim para empreender sua primeira viagem de pesquisa ao Brasil. Durante dois anos ele percorreu o alto rio Negro, com o objetivo de coletar peças etnográficas,

⁹ Meyer (1871-1932) foi um pesquisador que se especializou na etnografia sul-americana. Empreendeu duas viagens ao Brasil central (1895-1897, 1898-1899) e, em 1900, ao sul do país. Seus interesses foram mais pessoais do que institucionais, uma vez que não chegou a exercer cargos docentes (KRAUS, 2004).

¹⁰ Conforme Kraus (2004), Steinen (1855-1929) foi o fundador da etnografia alemã. Com formação de psiquiatra, viajou entre 1878 e 1881 anos pelo mundo. Foi em Samoa que ele se interessou pela pesquisa etnográfica e, ao retornar para a Alemanha, passou a se dedicar a essa área do conhecimento. Fez duas viagens ao Brasil (1884 e 1887-1888) que resultaram em diversas publicações.

pesquisar os vocabulários de diversas etnias e, principalmente, explorar uma região até então desconhecida. (fig. 5)

O principal resultado dessa expedição foi a publicação de diversos artigos em revistas científicas e das obras “Começos da arte na selva” (1905); “Petroglifos sul-americanos” (1907), “Dois anos entre os indígenas: viagens ao noroeste do Brasil (1903-1905)”¹¹ (1909, 1921). No prólogo desta última, Koch-Grünberg ressalta que

“o objetivo principal da minha viagem não era o de um colecionador. Frequentemente demorando-me semanas, até meses em cada tribo e em cada aldeia, participando intimamente da vida dos indígenas, eu pretendia especialmente conviver e aprofundar mais a visão de suas concepções, pois o viajante que passa rapidamente pela região de suas pesquisas consegue apenas impressões passageiras e frequentemente falsas” (KOCH-GRÜNBERG, 2005:7).

O etnólogo produziu, ainda, mais de 1.000 fotografias “reveladas imediatamente no lugar” e que “reproduzem fielmente a grandiosa natureza, suas belezas e seus medos, a vida da expedição, tipos de cada tribo, os trabalhos dos indígenas em casa e na roça, suas diversões, danças” (*ibid.*). 140 dessas fotografias foram publicadas num álbum de tipos indígenas. Sua relação com a imagem vem desde cedo: ele aprendeu a fotografar ainda adolescente e tinha o dom e o talento para o desenho. Seus diários e cadernos são repletos de ilustrações que retratam paisagens, animais, pessoas, utensílios e processos. (figs. 6, 7 e 8)

As descrições minuciosas são pontuadas com comentários pessoais que demonstram o carinho e apreço que ele tinha por “seus índios”:

“Meus melhores amigos são as crianças. Em certos dias tenho trinta desses pequenos acompanhantes morenos em minha cabana. Observam com interesse o que faço e fazem suas observações a respeito, cochichando baixinho. Não me atrapalham. Esperam até eu me dirigir a eles” (KOCH-GRÜNBERG, 2006:63)

Demonstrando para os índios seus equipamentos científicos (câmeras, instrumentos, relógios etc) ele nota que:

“Apesar do seu entusiasmo por todas essas novidades inauditas, os indígenas comportavam-se muito mais urbanamente do que os nossos habitantes das cidades grandes, em condições semelhantes. Não havia empurrões, nenhuma briga feia perturbava o aconchego. Tudo seguia segundo certa ordem e regradamente. Os objetos iam de mão em mão e voltavam a mim pelo mesmo caminho” (KOCH-GRÜNBERG, 2005:104).

¹¹ Traduzida e publicada em 2005 pela Universidade Federal do Amazonas.

E, ainda, ao mostrar fotografias de seus parentes, ele comenta que “seus amigos” tinham muito interesse nas fotografias de sua noiva:

“Mostra a tua mulher! - pediam sempre de novo e com a mesma frequência voltava a pergunta, causada por quatro retratos diferentes, se eu tinha então quatro esposas, como seria conveniente para um chefe poderoso e rico” (KOCH-GRÜNBERG, 2005:265).

Após sua volta, entre 1905 e 1909, continuou trabalhando como pesquisador no Museu de Berlim, até prestar exame para docência na Universidade de Freiburg. Em 1911, ele fez sua terceira viagem ao Brasil, patrocinada pelo Instituto Baessler de Berlim, dessa vez à região dos rios Branco e Orinoco, na fronteira com a Venezuela. Koch-Grünberg levou consigo apenas um auxiliar alemão, Hermann Schmidt, e três acompanhantes indígenas: Taurepáng, Arekuna e Mayongóng. Além das descrições lançadas nos 14 cadernos de diários, da coleta de objetos etnográficos, ele produziu novamente um grande número de fotografias, alguns preciosos minutos de filmes cinematográficos e gravou ainda fonogramas com vocabulários e cantos. Dessa viagem, foi publicada “Do Roraima ao Orinoco”¹² em cinco volumes no período de 1916 a 1928. É considerada obra de referência e de grande importância para a etnografia dos povos de língua Karib (hoje conhecida por Pemon) e a etnologia do norte amazônico. Dela, Mario de Andrade extraiu os mitos que lhe serviram de base para criar seu herói Macunaíma.

Destacam-se nessa obra não só a maturidade científica de Koch-Grünberg, a quantidade e qualidade do conhecimento obtido, como também o humanismo que caracterizou o pesquisador desde suas primeiras incursões em território brasileiro. Ressaltam Nádia Farage e Paulo Santilli na introdução à edição brasileira: “Oscilando, ao que tudo indica, entre uma bagagem teórica racista e um ideário político liberal, Koch-Grünberg consegue retratar as tensões estruturais do universo social regional que, àquela altura, se consolidava baseado na espoliação da terra e do trabalho indígenas” (KOCH-GRÜNBERG, 2006:16). Ele diariamente se admirava com a índole indígena e, sempre que pertinente, criticava os brancos “civilizados”: “Alegria e paz reinam em toda esta grande aldeia. Aqui não há discussões ou brigas, nem entre os velhos, nem entre os jovens. Essa inofensiva gente morena tem incomparavelmente mais cultura interior do que os brasileiros mestiços que pretendem civilizá-la!” (KOCH-GRÜNBERG, 2006:95). (*fig. 9*)

Para o etnólogo, mais do que a viagem em si, era a experiência que importava. Em seu diário de campo ele descreveu detalhadamente sua rotina de trabalho, como neste trecho:

¹² Em 2006, a Editora UNESP publicou o primeiro volume de “De Roraima ao Orinoco”, com tradução de Cristina Camargo Alberts.

“Levo uma vida idílica aqui. De manhã bem cedo, antes que o sol se levante acima das montanhas, com meus meninos para o banho no riacho próximo, um lugar sossegado e, ao mesmo tempo selvagemmente romântico [...] Então começa o trabalho do dia. Os índios são fotografados sozinhos e em grupos. Ninguém tem medo do aparelho misterioso. Na verdade, eles até se atropelam para essa tarefa [...] O inteligente Pitá demonstra grande interesse por todos os meus trabalhos. Sob o pano negro e sobre o vidro opaco, ele observa os movimentos das pessoas e animais e morre de rir quando as mulheres chegam correndo, de cabeça para baixo” (KOCH-GRÜNBERG, 2006:58).

Kraus (2005) alerta, porém, para as enormes dificuldades que expedições dessa natureza enfrentavam naquela época ao desbravar territórios amazônicos ainda desconhecidos pelo homem branco: terrenos acidentados, correntezas, alimentação precária, variações climáticas e, principalmente, doenças. Eram comuns os conflitos de interesses e necessidades entre o pesquisador e seus colaboradores. Tanto que o próprio Koch-Grünberg reconhece no prefácio a “Do Roraima ao Orinoco”: “devo acusá-los (os índios) porque, às vezes, não me compreendiam, porque, freqüentemente, meus planos contrariavam suas inclinações e experiência?” (KOCH-GRÜNBERG, 2006:27). Ele tinha consciência de que praticava uma ciência que ele próprio caracterizava de “fatigante”.

Em 1915, Koch-Grünberg tornou-se diretor científico do Museu Linden em Stuttgart, assumiu uma cadeira de antropologia na Universidade de Heidelberg e se propôs a não mais realizar viagens de pesquisa. Em 1924, porém, perdeu seu posto no Museu que àquela época passava por problemas financeiros. Ele se juntou, então, à expedição do americano Alexander Hamilton Rice que iria percorrer a região do Orinoco. Poucos meses depois, faleceu.

Diálogos fotográficos e etnográficos.

A maior parte da produção e da informação a respeito de George Huebner é conhecida através das cartas que foram enviadas por ele de Manaus e de outras cidades - entre as quais Dresden, Belém e Rio de Janeiro - para Theodor Koch-Grünberg. Anexadas a essas cartas, George enviava fotografias, recortes de jornais, transcrições de vocabulários indígenas, amostras de plantas e até objetos etnográficos. Outra importante fonte de informação sobre o fotógrafo está nos diários de Koch-Grünberg¹³. A partir desses documentos, foi possível

¹³ O espólio de Theodor Koch-Grünberg foi organizado por sua neta Dorothee Ninck e doado ao Departamento de Etnologia da Universidade Philipps - Marburg. Esse acervo inclui seus diários e cadernos de anotações, mais de mil fotografias suas e de outros fotógrafos, inúmeros objetos etnográficos, documentos diversos entre os quais 84 cartas e 14 postais de Huebner. Conforme levantamento realizado por Daniel Schoepf, existem coleções de fotografias de Huebner também nos museus etnográficos de Genebra, Berlim e Hamburgo. No arquivo de imagens do Instituto de Geografia Leibniz em Leipzig, encontrei algumas fotografias suas. Em Manaus, há ainda

estabelecer a relação de amizade, a parceria e a estratégia de troca de informações entre os dois alemães.

Nas cartas - escritas em linguagem erudita - é possível inferir que Huebner manteve contato e trabalhou para vários cientistas e pesquisadores, principalmente botânicos. Foi, no entanto, com Theodor Koch-Grünberg, que se estabeleceram laços mais profundos. Os primeiros encontros - provavelmente intermediados pelo comerciante e cônsul alemão em Manaus, Oscar Düsendschön - foram em 1903, quando ali chegou pela primeira vez e permaneceu durante várias semanas. Em várias entradas no seu diário, o etnólogo menciona o fotógrafo. “Huebner é um cara ótimo. Ele se entusiasma pelo meu empreendimento e me ajuda de todas as maneiras. Hoje de manhã, fui com ele ao mercado [...] Ele quer fazer comigo uma viagem de oito dias para conhecer os Mura do rio Autaz” (VK Mr, B.I.2, 4/6/1903). No dia seguinte, eles já traçavam planos para uma viagem conjunta no ano seguinte às nascentes do Orinoco, passando pelo Rio Branco, justamente a viagem que Koch-Grünberg realizaria oito anos mais tarde. Em 1º de julho, um elogio às fotografias antropológicas realizadas por Huebner e planos para publicar um atlas tipológico na Alemanha. Na edição final da obra que resultou da viagem, o etnólogo agradece ao fotógrafo: “[...] foi de grande valia para mim o meu amigo Georg Hübner, o dono da ‘Photographia Allemã’ que conhecera pessoalmente o Orinoco, o rio Negro e o alto Amazonas e nunca se cansou de usar o seu rico tesouro de experiências para me aconselhar ou me ajudar” (KOCH-GRÜNBERG, 2005:30).

Conforme já mencionado anteriormente, desde as suas primeiras viagens à América do Sul, Huebner já se aproximara da atividade científica. Seria natural, portanto, o contato com Koch-Grünberg em Manaus. A primeira parceria direta entre os dois se deu em 1906. Em outubro do ano anterior, Huebner acompanhara o Governador Constantino Nery a uma viagem ao rio Japeri¹⁴. Na sua volta, ele enviou sua primeira carta, onde ele expressou sua preocupação com os índios, comentando o envio de cinquenta soldados para a região. Ele se ofereceu, também, para colaborar com a pesquisa científica do “colega”:

“Tão logo nos cheguem notícias mais precisas, não deixarei de comunicá-las a você. Envie-me quando puder alguns cadernos para a transcrição de línguas, pois - e isso é bastante provável - se alguns desses índios forem trazidos prisioneiros aqui para Manaus, não deixarei de aproveitar a ocasião de transcrever algumas palavras”.

algumas imagens no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e em arquivos particulares. Não há quaisquer informações sobre o destino das cartas de Koch-Grünberg que ele recebeu em Manaus.

¹⁴ Essa viagem, de seis dias, foi realizada para investigar notícias de confrontos entre seringueiros e índios naquela região. Huebner escreve que “os índios teriam atacado os seringueiros, matando três homens e ferindo gravemente outros dois”.

(VK Mr, pasta correspondência Huebner/Koch-Grünberg, em 16/10/1905).

Ele terminou a carta dizendo que “aqui você tem um amigo com quem pode contar no caso de necessitar, seja lá do que for, e se desejar novamente fazer-nos uma visita em nossa província, dará a todos nós um imenso prazer”. Na carta seguinte, de 2/2/1906, ele comunicou a Koch-Grünberg que enviaria as transcrições lingüísticas e algumas fotografias dos *iauperis* (hoje conhecidos como uaimiri-atroaris). Em 2 de março, ele enviou outra carta, à qual anexou várias fotografias e as anotações lingüísticas:

“Hoje, consigo, enfim, cumprir minha promessa de lhe enviar, por intermédio do próprio senhor Düsendschön, tanto as fotografias como o léxico yaupery. A quantidade de palavras, infelizmente, não é muito grande, porque grande parte dos índios não entende o português [...] Transcrevi as expressões de acordo com a grafia portuguesa, isto é, o que parecia mais comum a uma pessoa do país. Espero que tudo esteja escrito com bastante clareza” (VK Mr, pasta correspondência Huebner/Koch-Grünberg, em 2/3/1905).

Em maio de 1906, Huebner viajou para Dresden, onde permaneceu até setembro para cuidar da edição do álbum “Valle do Rio Branco” que lhe fora encomendado pelo Governo do Amazonas. Nessa estadia ele se encontrou com Koch-Grünberg duas vezes¹⁵ e trocaram inúmeras cartas. Nelas, Huebner ofereceu conselhos, forneceu informações fotográficas, teceu elogios e fez consultas ao amigo:

“para ser-lhe absolutamente franco, acho que o processo de envio e retorno, pelo correio, dos negativos em vidro é muito perigoso [...] Aproveito a ocasião para perguntar-lhe se me permitiria reproduzir em forma de cartão-postal algumas de suas fotos dos índios. A venda, claro, ficaria restrita unicamente ao Pará e a Manaus. Afinal de contas, você tem muitas imagens que dariam magníficos postais, e seu trabalho, com certeza, não seria prejudicado. Pense bem e depois diga o que acha” (VK Mr, pasta correspondência Huebner/Koch-Grünberg, 10/7/1906).

“[...] gostaria de lhe solicitar um pequeno serviço, qual seja o de escrever nas cópias aqui anexas o nome da tribo, considerando que na época não fiz nenhuma anotação, ao passo que você a registrou quando de sua estada em Manaus. De fato, devo introduzir alguns tipos de índio no álbum Rio Branco, que ora edito aqui para o governo e agora não consigo mais distinguir entre os uapixanas e os macuxis. [...] Tenciono repartir todos esses documentos em dois ou três grupos em uma só folha. Portanto, vou precisar reduzi-los bastante e incluir

¹⁵ Schoepf (2000, 2005) afirma que, ao longo dos 22 anos de amizade, eles se encontraram apenas seis vezes: três em Manaus; três na Alemanha, sendo duas em Berlin e uma em Freiburg, onde foi recebido pela família Koch-Grünberg.

um croqui para dispor as imagens da melhor maneira possível” (VK Mr, pasta correspondência Huebner/Koch-Grünberg, 1/6/1906).

Em 29 de agosto, pouco antes de retornar a Manaus com alguns exemplares do “Valle do Rio Branco” na bagagem, ele escreveu para o amigo que a gráfica iria lhe fazer “chegar às mãos um exemplar em tempo hábil, como lhe havia prometido à época”. E acrescenta: “De minha parte, reitero minha promessa de que, como no passado, meus bons serviços pela causa da ciência serão a você dedicados desde que me dê oportunidade” (VK Mr, pasta correspondência Huebner/Koch-Grünberg, 29/8/1906).

Essa oportunidade viria logo em seguida, com a publicação do primeiro artigo assinado pelos dois na revista oficial da Sociedade de Antropologia, Etnologia e História Primitiva de Berlim, *Zeitschrift für Ethnologie*, no. 39, 1907, “Die Yauapery”. Aqui, Koch-Grünberg descreveu detalhadamente os acontecimentos ocorridos com os índios dois anos antes e relatados por Huebner. No texto foi incluído o vocabulário anotado por Huebner, bem como publicadas várias de suas fotografias. Koch-Grünberg legitimou essa parceria, propondo à Sociedade que acolhesse o fotógrafo como membro. Em 11 de maio de 1907, Huebner agradeceu o recebimento das separatas dos artigos.

No ano seguinte, eles publicaram outro artigo na mesma revista, a de no. 40, intitulado “Die Makushi und Wapischana”. Nesse artigo, que descrevia essas etnias que habitavam a região do Rio Branco, Koch-Grünberg utilizou inúmeras fotografias que Huebner produziu durante sua viagem preparatória para o álbum e fez uma referência direta aos vocabulários coletados por Huebner: “Dos cinco vocabulários, que se seguem [...] dois deles, Makuschi I e Wapischana I, foram registrados da boca dos índios por meu amigo Sr. Georg Hübner de Manaus, um nativo de Dresden, durante sua última viagem aos rios Branco e Uraricuera em agosto de 1903 (KOCH-GRÜNBERG e HÜBNER, 1908, trad. nossa). (fig. 10)

Em três notas de rodapé, ele citou o artigo anterior dos dois, colocando o nome de Huebner à frente do seu; fez referência à sua participação nas duas sociedades científicas, a de Berlin e a de Dresden; e citou seu primeiro artigo, publicado na *Deutsche Rundschau*. Ao final do texto, ele elogiou as “excelentes fotografias” especificando as que foram feitas nas viagens ao interior e aquelas realizadas no estúdio. Huebner retribuiu, escrevendo que as separatas que ele recebera

“são realmente muito atraentes e impressionam muito. Você fez muito bem em escolher papel de melhor qualidade, porque a diferença de impressão das gravuras é bastante perceptível. Quanto ao texto, você é um gênio. Não há como não maravilhar-se com o cuidado e a perseverança que demonstrou no tratamento e formatação de todo o material” (VK Mr, pasta correspondência Huebner/Koch-Grünberg, 7/5/1908).

Em 1908, Huebner viajou, pela primeira vez, para Rio de Janeiro, acompanhando a apresentação dos trabalhos de seu estúdio na Exposição Nacional, onde recebeu o Grande Prêmio, a Medalha de Ouro¹⁶. A parceria entre os dois já se transformara em cumplicidade, que transparecia nas suas cartas. É importante, no entanto, lembrar que Huebner não tivera formação superior de qualquer espécie. Era de se esperar que um homem das ciências, para ser reconhecido como tal, fosse treinado e passasse por todos os trajetos e rituais da Academia. Não foi este o caso de Huebner. A confiança que ele conquistou não só de Koch-Grünberg como também de outros cientistas e instituições, principalmente após abandonar o negócio fotográfico, se deve aos seus próprios méritos, como profissional dedicado não apenas à sua atividade-fim, mas também como investigador metódico, preciso e sempre em busca do desconhecido¹⁷. Acrescenta-se, ainda, a postura humanista que eles compartilhavam em sua preocupação com a rápida extinção dos índios.

Apesar de jamais terem colaborado diretamente em projetos fotográficos conjuntos, foi Huebner quem, em diversas ocasiões, mediou a atividade fotográfica de Koch-Grünberg. Com sua experiência de muitos anos de fotografia em ambientes tropicais, sob altas temperatura e umidade¹⁸, ele aconselhou o colega quanto aos materiais, produtos e equipamentos que melhor suportariam essas condições extremas e, conseqüentemente, produziram os melhores resultados. Em, 21 de junho de 1910, em carta escrita de Dresden, ele recomendou, detalhadamente, o que o etnólogo deveria levar em sua próxima viagem à Amazônia¹⁹. Em outra ocasião, ele próprio forneceu o material e, mais importante, realizou

¹⁶ O prêmio foi concedido ao álbum “O Valle do Rio Branco”, incluído na representação oficial do Estado do Amazonas e lançado com muita pompa naquele evento. Em 7 de maio de 1908, ele escreveu: “Tenho a intenção de ir ao Rio de Janeiro no início do próximo mês. Por meados de junho, haverá uma Exposição Nacional, em que várias criações fotográficas de nossos estúdios de Manaus e do Pará serão apresentadas [...] Em 1885, desembarquei pela primeira vez no Pará e em Manaus e, desde então, só conheço do Brasil essas duas cidades. Creio que chegou a hora de conhecer o Sul do país” (VK Mr, pasta correspondência Koch-Grünberg-Huebner).

¹⁷ Em texto publicado no final do relato de Daniel Schoepf, Dorothée Ninck confirma essas qualidades: “O fato de poderem confiar um no outro, em palavras ou em atos, permite que a relação entre ambos, ao longo dos anos, se transforme em uma amizade que supera as crises e o tempo. A perenidade dos contatos tem outra razão fundamental. Apesar das divergências ideológicas e da distância geográfica que os separa, a estima recíproca nunca cessou, pois os dois lutavam por uma concepção da ciência na qual havia ainda o desconhecido a explorar e o novo a descobrir” (in SCHOEPF, *op. cit.* 89).

¹⁸ O clima tropical é altamente prejudicial aos equipamentos e materiais sensíveis, que requerem cuidados e tratamentos especiais. Considerando-se que cem anos atrás, tanto os materiais como os processos fotográficos eram mais precários, tornam-se ainda mais importantes as recomendações e orientações oferecidas por Huebner a Koch-Grünberg.

¹⁹ Koch-Grünberg, talvez, não tenha seguido à risca todos os conselhos fornecidos pelo fotógrafo. Em “Do Roraima ao Orinoco”, ele relata que tem “tido muito aborrecimento com as chapas fotográficas que uma grande

em seu estúdio tiragens de centenas de fotografias do início da viagem de Koch-Grünberg aos rios Branco e Orinoco:

“Recebi a caixa contendo os negativos e logo começamos a revelar as chapas sensíveis com o maior cuidado. Tudo foi feito e nada foi confundido [...] Os negativos, acompanhados de uma cópia, foram enviados anteontem, nos caixotes de origem, à senhora sua esposa [...] Agora, só me resta cumprimentá-lo pelas maravilhosas fotos que estão, com raras exceções, perfeitas [...] Nos três últimos meses em Manaus, o calor estava tão sufocante que temíamos que as placas não suportassem uma água tão quente. Mas, apesar disso, tudo se passou bem, pois como lhe disse, as placas logo se endurecem no banho de fixação. [...] Bom, desejo-lhe, então sorte para o início do grande périplo pelas regiões desconhecidas! Que seus desejos se realizem e que possa obter o que ambiciona tão ardentemente. Meus pensamentos o acompanham. Adeus, então, e até nosso reencontro!” (VK Mr, pasta correspondência Huebner/Koch-Grünberg, 20/10/1911).

A correspondência foi interrompida durante a primeira guerra mundial e só foi retomada em 1920, quando Huebner se surpreendeu ao receber uma carta do amigo que já imaginara ter falecido. Houve, então, os preparativos para a última e fatídica viagem. Durante a permanência de Koch-Grünberg no campo, Huebner escreveu ainda uma carta para a Sra. Koch dando notícias de seu marido. No dia 24 de outubro de 1924, enviou para ela a carta com suas condolências e na qual relata detalhadamente os eventos ocorridos durante a expedição Rice os quais, ele acredita, possam ter levado à morte do etnólogo.

Textos e imagens se entrelaçam na obra de Koch-Grünberg para formar o *corpus* etnográfico. De forma semelhante, o *corpus* fotográfico/antropológico de George Huebner se utiliza do texto - através, principalmente, das cartas trocadas com o colega - para se legitimar e se firmar como ciência. Ambos percorrem aquela “superfície única e lisa, onde o olhar e a linguagem se entrecruzam ao infinito” (FOUCAULT, 2000). Em busca do conhecimento, seus olhares e suas linguagens se encontraram e percorreram, também, a superfície das águas, florestas e campos da Amazônia.

“O que começa com arrojo, bem sucedido será”.

(frase de abertura dos diários de Koch-Grünberg, 1903)

e conhecida firma berlinense me forneceu. As chapas isolantes não são, nem de longe, tão resistentes quanto deveriam ser. Embora eu proceda com o máximo cuidado, só revelando fotos à noite e molhando-as no fresco riacho da montanha, em algumas delas a camada se solta em grandes pedaços. [...] Para quem conhece os trópicos, soa extremamente ridícula a seguinte informação, escrita em três idiomas nas caixas desse material: ‘seguro para os trópicos’” (KOCH-GRÜNBERG, 2006:72).



Fig. 1: George Huebner: índios iauperis fotografados na Cachoeira Grande, próximo a Manaus (1906). Arquivo Koch-Grünberg, Universidade Philipps-Marburg.



Fig 2: George Huebner: índios uapixanas fotografados no estúdio da Photographia Allemã (1900-1905?).

Arquivo Koch-Grünberg, Universidade Philipps-Marburg.

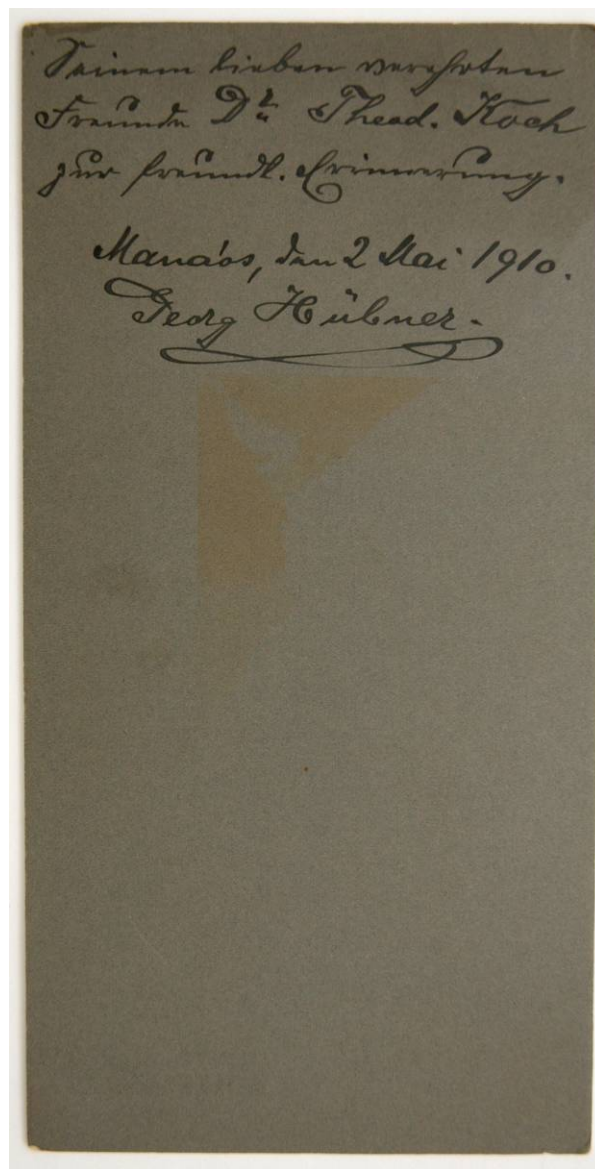


Fig 3: George Huebner: auto retrato, com dedicatória para Theodor Koch-Grünberg (1910).
Arquivo Koch-Grünberg, Universidade Philipps-Marburg.



Fig. 4: Almoço na casa de Huebner; à direita, Theodor Koch-Grünberg (1911).
Arquivo Koch-Grünberg, Universidade Philipps-Marburg.



Fig. 5: George Huebner: retrato de Theodor Koch-Grünberg (1913?).
Arquivo Koch-Grünberg, Universidade Philipps-Marburg.



Fig. 6: Theodor Koch-Grünberg, maloca kava na cachoeira Jurupari, rio Aiari (1903-1905).
Arquivo Koch-Grünberg, Universidade Philipps-Marburg.



Fig. 7: Theodor Koch-Grünberg, tuiuca com adornos de dança (1903-1905).
Arquivo Koch-Grünberg, Universidade Philipps-Marburg.



Fig. 8: Theodor Koch-Grünberg com os macunas, no baixo Apapori (1903-1905).
Arquivo Koch-Grünberg, Universidade Philipps-Marburg.



a.
Taulipáng
(Alto Majary').



b.
Taulipáng
(Serra Urancaíma).

Fig. 9: Theodor Koch-Grünberg, taulipáng (1911-1913).
Arquivo Koch-Grünberg, Universidade Philipps-Marburg.

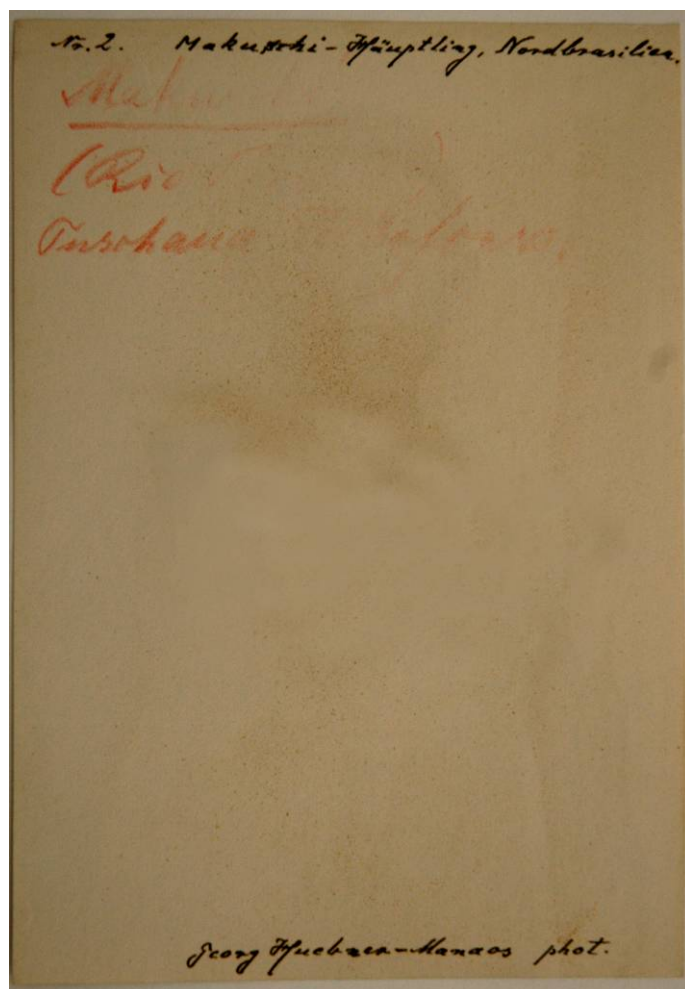
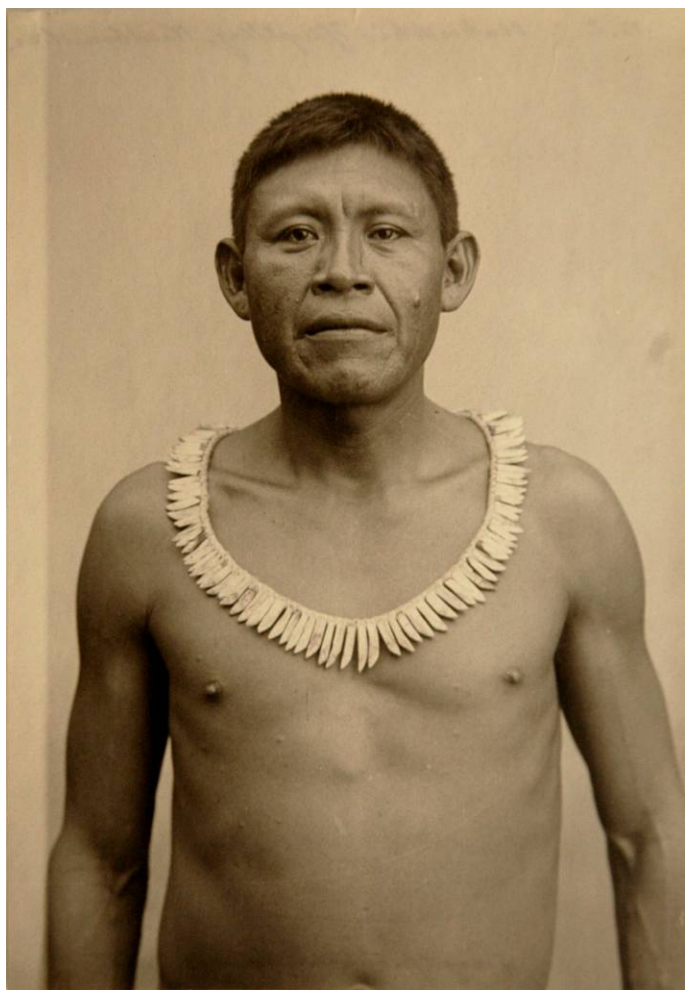


Fig. 10: Georg Huebner: macuchi, com anotações de Koch-Grünberg no verso (1907).
 Arquivo Koch-Grünberg, Universidade Philipps-Marburg.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland, *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BLUMTRITT, Herbert, *Geschichte der Dresdner Photoindustrie*. Stuttgart: H. Lindemanns Verlag, 2000.
- EDWARDS, Elizabeth (org.), *Anthropology and Photography 1860-1920*. Yale University Press, New Haven, 1992.
- FOUCAULT, Michel, *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor, *Dois anos entre os indígenas: viagens ao noroeste do Brasil*. Manaus: EDUA/FSDB, 2005.
- _____, *Do Roraima ao Orinoco*, vol. 1. São Paulo: Ed. UNESP, 2006
- _____, e HÜBNER, Georg, “Die Makuschí und Wapischána”. In *Zeitschrift für Ethnologie*, no. 40, Berlin, 1908.
- KÖNIG, Eva, *Indianer 1858-1928. Photographische Reisen von Alaska bis Feuerland*. Hamburg: Museum für Völkerkunde Hamburg, 2002
- KRAUS, Michael, *Bildungsbürger im Urwald: Die deutsche ethnologische Amazonienforschung (1884-1929)*. Marburg: Reihe Curupira, Band 19, 2004.
- _____, “Von der Theorie zum Indianer: Forschungsfahrungen bei Theodor Koch-Grünberg”, in *Deutsche am Amazonas: Forscher oder Abenteurer?*. Berlin: Ethnologisches Museum, 2005.
- LARAIA, Roque de Barros, *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1999.
- MYDIN, Iskander, “Historical Images – Changing Audiences”, in EDWARDS, Elizabeth (org.), *Anthropology and Photography 1860-1920*. Yale University Press, New Haven, 1992.
- PÉREZ, Margarita Alvarado et al, *Mapuche: fotografías siglos XIX e XX, construcción y montaje de um imaginário*. Santiago: Pehúen Editores, 2001.
- PRICE, Derrick, Surveyors and surveyed. In: WELLS, Liz (Org.) *Photography: a critical introduction*. London: Routledge, 2002a.
- SCHOEPF, Daniel, *George Huebner 1862-1935: un photographe a Manaus*. Genève: Musée d’Ethnographie, 2000.
- _____, *George Huebner 1862-1935: um fotógrafo em Manaus*. São Paulo: Metalivros, 2005.
- SCHWARCZ, Lila Moritz, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.